



ENSAIO TEÓRICO SOBRE A NOÇÃO DE *ETHOS* DISCURSIVO EM MAINGUENEAU: CAMINHANDO ENTRE RELEITURAS

RENATA DE OLIVEIRA CARREON¹
MARCO ANTONIO ALMEIDA RUIZ²
LÍGIA MARA BOIN MENOSSI DE ARAUJO³

RESUMO: O conceito de *ethos*, atualizado e operacionalizado por Dominique Maingueneau, foi largamente trabalhado por disciplinas e teóricos, desde Aristóteles, Ducrot, Charaudeau, entre outros. No entanto, sua concepção pessoal de *ethos* inscreve-se nos domínios da Análise do discurso de linha francesa. Objetivamos, neste ensaio, traçar um percurso de leituras e releituras de *ethos* em seus escritos nos últimos trinta anos, de modo a defender que, no conjunto da obra, o autor sempre esteve preocupado em tornar a categoria menos subjetiva, ao mesmo tempo em que tentava desligá-la de um caráter psicologizante – fruto da ligação do *ethos* com os escritos retóricos – e operacionalizá-la de maneira que, atualmente, o conceito esteja ligado às suas mais recentes preocupações em torno da constituição da cena de enunciação e as novas textualidades.

Palavras-chave: Análise do Discurso; *ethos*; Dominique Maingueneau.

ABSTRACT: The concept of *ethos*, updated and operationalized by Dominique Maingueneau, was largely worked by disciplines and theorists, from Aristotle, Ducrot, Charaudeau, among others. However, his personal conception of *ethos* is inscribed in the domains of French Discourse Analysis. In this article, we aim to trace a course of reads and re-readings of *ethos* in his writings in the last thirty years, in order to defend that in the whole of the work the author has always been concerned with making the category less subjective, while at the same time trying to disconnect it from a psychologizing character - the fruit of the connection of *ethos* with rhetorical writings - and to operationalize it in a way that, at the moment, the concept is linked to its more recent preoccupations surrounding the constitution of the scene of enunciation and the new textualities.

Keywords: Discourse Analysis; *ethos*; Dominique Maingueneau.

1. MAINGUENEAU: ENTRE TEORIA E MÉTODO

A Análise do discurso, ao longo dos últimos anos, tem assumido um importante papel nas ciências humanas como uma caixa de ferramentas teóricas capazes de auxiliar a busca e a compreensão dos diferentes sentidos gerados, ao longo da história, em uma dada sociedade. Assim, nos diferentes contextos de sua produção, podemos observar que seu conjunto de teorias e métodos é

¹ Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG), Ponta Grossa, PR, Brasil. renatacarreon@gmail.com

² Universidade de São Paulo (USP), Ribeirão Preto, SP, Brasil. marcoalmeidarui@gmail.com

³ Universidade Federal de São Carlos (UFSCar), São Carlos, SP, Brasil. ligiamenossi@gmail.com

rico e a materialidade bastante diversificada. No caso brasileiro, por exemplo, vemos o desenvolvimento de uma Análise do discurso (AD) singular, marcada por uma diversidade de *corpora* que tem como objetivo analisar não só os discursos institucionais, tais como o literário, o político, mas também os do cotidiano, como o humorístico. Nesse sentido, na caminhada linguística, a partir dos diferentes autores inspiradores estrangeiros, podemos observar as diferentes instâncias de discursos que constituem esse espaço de pesquisa discursiva e, com isso, compreender as condições históricas e epistemológicas para a composição de um arquivo. Nesse caminho, não se trata de tomar um conjunto de teorias e métodos como documentos, mas, conforme afirma Foucault (2008), é preciso “transforma[r] os documentos em monumentos (...), onde se decifram rastros deixados pelos homens, onde se tentava reconhecer em profundidade o que tinham sido, uma massa de elementos que devem ser isolados, agrupados, (...) inter-relacionados, organizados em conjuntos” (FOUCAULT, 2008, p. 8). Ou seja, esse arquivo pode ser entendido como “a lei do que pode ser dito, [um] sistema que rege o aparecimento dos enunciados como acontecimentos singulares” (FOUCAULT, 2008, p. 148). É, pois, nesse caminho de diferentes instâncias e de diferentes construções históricas que apresentamos o nosso projeto arqueológico da noção de *ethos* desenvolvida por Dominique Maingueneau; trata-se, assim, de voltarmos os nossos olhos para tal a partir de suas obras e compreendê-las como um arquivo.

Nossa metodologia é constituída a partir de uma análise arqueológica mobilizando um certo arquivo, tomando-o como monumento que instaura novas instâncias de discurso. Em outras palavras, não temos como objetivo repetir o que já foi dito, mas investigar essa construção histórica da noção a partir de certas práticas de leituras, certos acontecimentos, que são tomados na sua singularidade de enunciados e produzem, desse modo, novos regimes de enunciabilidade a partir de diferentes objetos⁴. Para tal, é inevitável remontarmos a certos autores estrangeiros para nossa produção discursiva como um lugar em que repousam a história, as fontes e as inspirações necessárias que nos constituem como pesquisadores e definem, de certo modo, alguns dos caminhos que a pesquisa discursiva tem assumido no cenário brasileiro contemporâneo.

Assim, ao inscrevemo-nos nesse cenário para a nossa descrição, à primeira vista, encontraremos um conjunto heterogêneo de pesquisas em discurso que, por um lado, retomam e remontam às leituras e autores estrangeiros como forma de inspiração, sendo, com isso, necessárias para a nossa constituição, por outro, elas também corroboram a construção de um lugar de pesquisa único, dadas as

⁴ Em pesquisa de doutorado, Carreon (2018) iniciou o empreendimento de traçar um percurso de leituras e releituras do conceito de *ethos*, tendo como hipótese de trabalho verificar a construção do *ethos* no discurso dos candidatos à presidência do Brasil em 2014, Dilma Rousseff e Aécio Neves, além de dissertar sobre as movências do discurso político com o advento das redes sociais, sobretudo no modo de se fazer campanhas eleitorais.

condições de formulação das teorias e os processos de releituras a fim de interpretá-las e inseri-las em nosso contexto de pesquisa⁵.

Diferentes autores têm contribuído para os desdobramentos da história da Análise do discurso brasileira (ADB), não só refletindo as teorias nesse contexto de produção, mas também refratando as teorias a partir das novas situações de enunciação, ratificando um lugar cada vez mais heterogêneo e singular em relação ao berço francês, iniciado no final dos anos sessenta com Michel Pêcheux. Dominique Maingueneau, por exemplo, é uma referência teórica importante para muitas pesquisas discursivas brasileiras⁶. Ele tem contribuído enormemente para o canteiro da ADB, pois acreditamos que seus pressupostos emergem a partir de uma singularidade, instaurando novas instâncias de discursos.

Sua produção de obras é extensa e, para Souza-e-Silva e Rocha (2009, p. 1-2), desdobram-se em diversas vertentes: (i) manuais de linguística que tratam de assuntos gerais ou específicos; (ii) livros de linguística e discurso literário; (iii) ensaios; (iv) dicionários; (v) livros na área de Análise do discurso. Vemos, assim, que o linguista, além de estar debruçado sobre a formulação de novos conceitos e produzir (re)leituras de outros já trabalhados, ainda tem se proposto a criar subsídios para uma teoria que leve em conta as novas textualidades advindas da dinâmica imposta aos sujeitos pelas redes sociais e uso da Web em geral. A “tecnologização dos discursos” tem sido, nos últimos anos, uma fonte incessável de trabalhos na área no Brasil e as categorias elaboradas por ele têm sido constantemente retomadas pelos pesquisadores e estudiosos brasileiros a fim de compreender o seu funcionamento. Cabe aqui destacar a ordem de publicação de suas obras⁷, uma vez que a seguiremos para traçar um percurso de *ethos*, nosso mote de reflexão neste artigo.

- *Initiation aux méthodes de l'analyse du discours* (Paris, Hachette, 1976)
- *Les livres d'école de la République, 1870-1914, Discours et idéologie* (Paris, Le Sycomore, 1979)
- *Sémantique de la polémique* (Lausanne, l'Age d'Homme, 1983)
- *Genèses du discours* (Bruxelles-Liège, Mardaga, 1984)
- *Nouvelles tendances en analyse du discours* (Paris, Hachette, 1987)
- *L'Analyse du discours, Introduction aux lectures de l'archive* (Paris, Hachette, 1991)

⁵ Entende-se, nesse momento, que as releituras produzidas se destacam por meio de diferentes pesquisas nos diferentes níveis de formação acadêmica, tais como trabalhos de conclusão de curso, dissertações de mestrado e/ou teses de doutorado. Além disso, vale ratificar as publicações em diferentes suportes – revistas científicas, por exemplo – que constantemente (re)atualizam este espaço por meio de querelas e desdobramentos teóricos promovidos pelas novas situações de singularidades do discurso.

⁶ Ruiz (2019), em sua tese de doutorado, faz importante panorama sobre as linhas de estudo da Análise do discurso brasileira e como o autor francês em questão é inspiração para o desenvolvimento de uma delas: a Análise do discurso de base enunciativa. RUIZ, M. A. A. *Por uma ciência da linguagem no/do Brasil: percursos e irrupções teóricas*.

⁷ Retirado do site do autor. Disponível em: <<http://dominique.maingueneau.pagesperso-orange.fr/livres.html>>. Acesso em: 5 dez. 2017.

- *Les termes clés de l'analyse du discours* (Paris, Seuil, 1996)
- *Analyser les textes de la communication* (Paris, Dunod, 1998)
- *Le Rapport de soutenance de thèse. Un genre universitaire* (avec C. Dardy et D. Ducard) (Lille, Presses du Septentrion, 2002)
- *La littérature pornographique* (Paris, Armand Colin, 2007)
- *Cenas de enunciação* (Curitiba, Criar, 2006); (São Paulo, Parábola, 2008)
- *Doze conceitos em Análise do Discurso* (São Paulo, Parábola, 2010)
- *Les phrases sans texte* (Paris, Armand Colin, 2012)
- *Discours et analyse du discours. Introduction* (Paris, Armand Colin, 2014)
- *The Discourse Studies Reader. Main trends in Theory and Analysis* (avec J. Angermuller et R. Wodak) (Amsterdam, John Benjamins, 2014)
- *La philosophie comme institution discursive* (Limoges, Lambert-Lucas, 2015)

Das obras de Maingueneau, podemos destacar, por sua relevância para os domínios da Análise do discurso, *Gênese dos discursos* (2008b)⁸, “obra fundadora do corpo teórico desenvolvido por Dominique Maingueneau” (SALGADO, 2008, p. 125); *Cenas da enunciação* (2008c)⁹, reunião de artigos do autor; e mais recentemente *Discurso e análise do discurso* (2015b)¹⁰, um “mapeamento da análise do discurso” e “obra de apresentação” (POSSENTI, 2015, p. 7).

Assim, o pesquisador, em três décadas de pesquisas, e também por sua presença constante em eventos e universidades em diferentes países, tem alicerçado inúmeros escritos da área:

Sem circunscrever sua produção a um discurso, gênero ou tema, Maingueneau circula por todos eles. Ler, discutir e apropriar-se dos conceitos e de seus desdobramentos em análises é uma oportunidade para conferir como o autor faz da análise do discurso uma disciplina ao mesmo tempo tradicional e inovadora (POSSENTI; SOUZA-E-SILVA, 2010, p. 8).

Para Possenti e Baronas (2008), algumas das obras do autor têm se constituído como um verdadeiro roteiro de trabalho, “assumindo traços de uma metodologia de pesquisa, seguida já por um bom número de pesquisadores, analisando diversos *corpora* linguísticos e discursivos brasileiros” (POSSENTI; BARONAS, 2008, p. 7). Dada, então, sua relevância na área, tanto em solo francês como brasileiro, passemos às suas teorizações e releituras acerca de um conceito amplamente trabalhado em AD, sobretudo no Brasil.

2. O *ETHOS* DISCURSIVO: CAMINHANDO ENTRE RELEITURAS

Dominique Maingueneau teoriza, operacionaliza e relê o conceito de *ethos* em diversos trabalhos (1996; 1997; 2004a; 2004b; 2008a; 2008c; 2010; 2011; 2015a;

⁸ Publicado em 1984 na França e em 2005 no Brasil, traduzido por Sírio Possenti.

⁹ Publicado em 2006 no Brasil, traduzido por vários autores sob a organização de Sírio Possenti e Maria Cecília Pérez de Souza-e-Silva.

¹⁰ Publicado em 2014 na França e em 2015 no Brasil, traduzido por Sírio Possenti.

2016; entre outros). Atualmente, grande parte da literatura em termos de *ethos* na Análise do discurso, de alguma forma, utiliza seus escritos para fundamentar teoricamente o empreendimento analítico. Interessa-nos, aqui, rever seu constructo teórico e, a partir dele, analisar as suas reflexões acerca do *ethos* (2015a, 2016). Metodologicamente, durante a nossa descrição arqueológica das obras nas quais o conceito de *ethos* aparece, a referência a elas dar-se-ão da seguinte forma: i) com duas datas, a primeira, ao lado do nome da obra, contendo o ano de publicação, em negrito, e; ii) o ano de publicação da edição à qual temos acesso e com a qual faremos as citações diretas ou indiretas.

Ao postular sobre a semântica global que rege os discursos em *Gênese* (1984), Maingueneau afirma que há certas restrições a que eles estão submetidos, sendo uma delas o modo de enunciação do sujeito. Embora não tenha explicitado a questão do *ethos*, ali está retratado como “uma maneira de ser através de uma maneira de dizer” (2008b, p. 94). O autor, assim, dá início às reflexões sobre caráter e corporalidade nos quais se apoia o “tom” do enunciador: esse “caráter” é inseparável de uma “corporalidade”, isto é, de esquemas que definem uma maneira de “habitar” seu corpo de enunciador e, indiretamente, de enunciatário (2008b, p. 92).

Em *Novas tendências em análise do discurso* (1987), o discurso é associado a uma voz e, ao tomar a voz que “habita” a enunciação de um texto, considera-a como uma das dimensões da formação discursiva. Em outras palavras, o autor, ao definir que ao invés de “voz” prefere “tom” e que as características mais marcantes de uma formação discursiva impoem certo tom à enunciação, postula, já desde o princípio, que a questão dos posicionamentos dos sujeitos em geral é inevitável em se tratando de “uma maneira de ser”. Assim, o termo “*ethos*” aparece ligado ao tom, mas o autor sublinha que, para se ter o conceito dentro dos domínios da Análise do discurso, é preciso se afastar, portanto, do *ethos* retórico, promovendo um duplo deslocamento. Ou seja, é preciso transmitir a imagem do próprio orador no discurso, não coincidindo necessariamente com a sua identidade, mas a uma imagem criada e mostrada no ato de enunciação, cujo objetivo é convencer e persuadir o seu auditório: “o *ethos* retórico está ligado à própria enunciação, não a um saber extradiscursivo sobre o locutor” (MAINGUENEAU, 2006b, p. 267).

Nesse sentido, em primeiro lugar, é preciso afastar qualquer caráter “psicologizante” de *ethos*, com o qual o enunciador desempenharia seu papel em função de sua escolha em produzir algum tipo de efeito no auditório. Em segundo lugar, a AD não deve opor ou atribuir maior importância à materialidade oral, como o fez a Retórica, já que o texto escrito também possui uma voz, ou tom, como prefere o autor. Reafirma que o tom está ligado a um caráter e a uma corporalidade, em que o caráter corresponderia a um conjunto de atributos psicológicos que o “leitor-ouvinte” atribui a seu enunciador, atributos estes ligados a certas imagens que circulam em uma cultura determinada; enquanto que, na mesma esteira de reflexões, a corporalidade está ligada a uma representação do corpo do enunciador ligada a sua formação discursiva. Desse modo,

Se os elementos do *ethos* forem integrados à discursividade, esta última aparece sob uma luz diferente: o discurso e, a partir daí, indissociável da forma pela qual “toma corpo”. Introduziremos aqui a noção de incorporação para designar esta mescla essencial entre uma formação discursiva e seu *ethos* que ocorre através do procedimento enunciativo (MAINGUENEAU, 1997, p. 48).

Disso decorre que a incorporação pode atuar sobre três registros “estritamente articulados”: a formação discursiva atribui “corporalidade” à figura do enunciador; tal corporalidade possibilita aos sujeitos a “incorporação” de esquemas que definem uma maneira específica de estar em sociedade; ambos os aspectos constituem uma condição de incorporação dos destinatários a certo mundo *ético*, gerando adesão a um grupo de adeptos daquele discurso. É preciso ressaltar que, apesar de não ter postulado de forma direta a ligação entre *ethos* e cenografia, Maingueneau já deixa claro que coerções genéricas e coerções da formação discursiva levam à constituição de uma cenografia por parte do sujeito. Estaria ali, de forma embrionária, o início de um de seus maiores conceitos-chave: a questão da constituição da cena de enunciação.

Ainda em *Novas tendências* o autor menciona, sem muita preocupação com sua teorização, a questão do “anti-*ethos*”, que estaria representado pela imagem ao avesso do sujeito; àquela que, em um jogo de espelhos, é a imagem que o sujeito rejeita. Para nós, tendo em vista a ligação do *ethos* à determinada formação discursiva que lhe confere corpo em sua própria gênese de emergência, estaria postulada na obra, então, também a constituição de sua contraparte negada, uma vez que toda formação discursiva retoma e rejeita aquilo que lhe vem do interdiscurso e, sendo aquilo que pode e deve ser dito, ou aquilo que *não pode e não deve ser dito*, a questão das formações discursivas, nesse momento de teorizações, explicaria o surgimento e o abandono do conceito de anti-*ethos*: ali está, tendo em vista sua ligação; no entanto, considerando que ao longo dos anos Maingueneau abandona o laço entre formação discursiva e *ethos* – para aderir a uma questão mais geral de posicionamentos – estaria, então, o anti-*ethos* também abandonado.

Se, até então, a preocupação do teórico francês era postular os alicerces da noção e afastá-la dos preceitos retóricos – ligados, sobretudo, a uma persuasão que deveria despertar emoções no auditório por meio do caráter do orador –, em *Análise de textos de comunicação* (1998), Maingueneau define o conceito de cenas da enunciação para ligá-lo ao *ethos*. Assim, todo enunciado pode ser compreendido como uma situação de enunciação em que, em uma dada situação comunicativa, ele deve ser pensado a partir do “exterior”, de um ponto de vista sociológico, pois são gerados por meio das diferentes condições de produção de um discurso através do seu âmbito social de circulação. Todavia, em *Análise do discurso*, quando referimo-nos às noções de contexto e condições de produção, nem sempre tais conceituações são pensadas como plenas de sentido. Maingueneau (2006), em sua obra *Discurso literário* (2004), afirma que é preciso também se pensar a exterioridade dos textos por meio dos fatores extralinguísticos. Para isso, o autor propõe, em contrapartida da noção de situação de comunicação, o conceito de “cenas de enunciação” capaz de abarcar todos os aspectos cruciais que seriam influenciados pela produção e circulação de sentidos.

Tal definição, trabalhada e retrabalhada ao longo dos anos posteriores, veio mostrar-se indispensável para uma análise arqueológica de suas obras, que interliga, de maneira indissociável, diversas instâncias. Para o autor, “um texto não é um conjunto de signos inertes, mas o rastro deixado por um discurso em que a fala é encenada” (2006, p. 85).

Quando se fala de *cena de enunciação*, considera-se esse processo “do interior”, mediante a situação que a fala pretende definir, o quadro que ela mostra (no sentido pragmático) no próprio movimento em que se desenrola. Um texto é na verdade o rastro de um discurso em que a fala é *encenada* (MAINGUENEAU, 2006, p. 250, grifo nosso).

“O quadro cênico” do texto, então, seria dividido em cena englobante, referente ao tipo de discurso; e cena genérica, no que diz respeito ao gênero; no entanto não é diretamente com esse quadro cênico que se confronta o “leitor”, mas com as cenografias, que são ao mesmo tempo “fonte de enunciação do discurso e aquilo que ele engendra” (2004, p. 87), legitimando um enunciado que, por sua vez, legitima sua cenografia. Entretanto, para Maingueneau, não basta falar apenas em cena, já que todo discurso é produto de um enunciador encarnado sustentado por uma voz, é preciso dar conta das questões de *ethos*, uma vez que, por meio da enunciação, revela-se a *personalidade* do enunciador. Destaca, ainda, mais uma vez, que o *ethos* está ligado a determinações físicas e psíquicas, ambos ligados a representações sociais valorizadas ou não e que, portanto, é necessário fazer com que o coenunciador adira fisicamente a um determinado universo de sentido:

O poder de persuasão de um discurso consiste em parte em levar o leitor a se identificar com a movimentação de um corpo investido de valores socialmente especificados. A qualidade desse *ethos* remete, com efeito, à imagem desse “fiador” que, por meio de sua fala, confere a si próprio uma identidade compatível com o mundo que ele deverá construir em seu enunciado (MAINGUENEAU, 2004, p. 99).

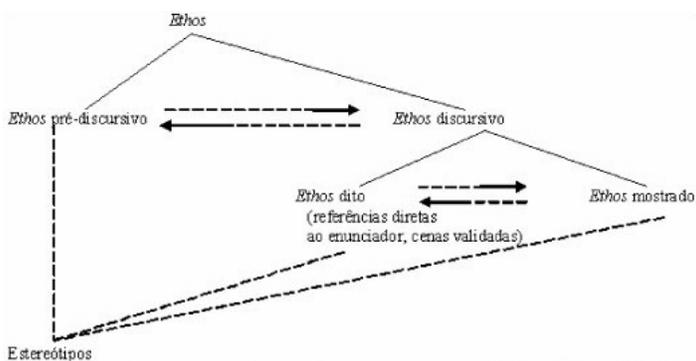
Assim, Maingueneau foca sua atenção para o que chama de concepção mais encarnada de *ethos*, deixando de lado as relações específicas com formações discursivas – conceito que o linguista, de certa forma, abandona para aderir à questão mais geral dos posicionamentos dos sujeitos. Desse modo, o *ethos* passa a ser teorizado a partir de seu engendramento na cena de enunciação, o que fez com que a construção das imagens de si, acreditamos, assumisse seu papel em uma teatralidade discursiva mais do que em formações discursivas historicamente determinadas que regulam os discursos.

Em *Ethos, cenografia, incorporação* (1999), artigo do autor pertencente à coletânea organizada por Ruth Amossy – *Images de soi dans le discours: La construction de l'ethos*, Maingueneau continua relendo, ampliando e operacionalizando o conceito de *ethos*¹¹. Como já indicado por seus escritos anteriores, ele afirma que “além da persuasão por argumentos, a noção de *ethos*

¹¹ No citado capítulo, Maingueneau sublinha, na primeira nota de rodapé do texto, que tem apresentado e reelaborado o conceito em diversas obras (MAINGUENEAU, 2011, p. 91).

permite, de fato, refletir sobre o processo mais geral da adesão de sujeitos a uma certa posição discursiva” (MAINGUENEAU, 2011, p. 69). Para isso, agora, o pesquisador francês divide o *ethos* em *discursivo* e *pré-discursivo*, sendo este a representação que o público constrói do enunciador antes que ele fale e aquele “uma maneira de ser através de uma maneira de dizer”. Se, até então, o autor havia, de alguma forma, transitado pela questão dos estereótipos, nessa obra Maingueneau passa a distinguir estereótipo – que é de ordem histórica e social – do termo “pré-discursivo”, que seria concernente às imagens do locutor que antecedem sua fala. Ainda em seu empreendimento de deformação de *ethos*, o autor sublinha que qualquer texto, oral ou escrito, possui vocalidade específica, o que implica uma determinação do corpo do enunciador, fazendo com que a leitura do texto faça emergir uma fonte enunciativa, “uma instância subjetiva encarnada que exerce o papel de fiador” (MAINGUENEAU, 2011, p. 72). Fiador este que, retomando, está investido de caráter e corporalidade apoiados em representações sociais valorizadas ou não. No entanto, retificando sua postulação anterior, Maingueneau desloca a cenografia como sendo da mesma ordem da cena englobante e cena genérica, sendo estas integrantes da cena de enunciação. Tal reformulação é ponto nevrálgico de sua teoria, uma vez que a constituição da cena de enunciação passou a ser, com o caminhar de suas publicações, uma de suas mais importantes postulações.

Ainda no texto *Ethos, cenografia, incorporação* (1999), surge o esquema representativo de *ethos*, no qual o autor categoriza o conceito postulando que o *ethos efetivo* resulta da interação entre diversas instâncias, cujo peso varia de acordo com os discursos. “A distinção entre *ethos dito* e *ethos mostrado* inscreve-se nos extremos de uma linha contínua, já que não é possível definir uma fronteira clara entre o ‘dito’ sugerido e o ‘mostrado’ não explícito” (MAINGUENEAU, 2011, p. 82). Assim, para a construção de um *ethos* efetivo, há a relação direta entre *ethos* pré-discursivo – ligado a estereótipos – e *ethos* discursivo, sendo este constituído pelo *ethos* dito e mostrado, também ligados a estereótipos, segundo o diagrama abaixo:



(MAINGUENEAU, 2011, p. 83)

Figura 1: Esquema de *ethos*.

Notamos, então, mais um deslocamento epistemológico, no conjunto do arquivo, no qual o autor passa a adotar, além do discursivo e do pré-discursivo, o dito e o mostrado para dar conta de duas ordens distintas de constituição de imagens: as características que são *ditos* pelo locutor podem não ser os mesmos que são *mostrados* em seu discurso e, por isso, é preciso considerar os dois para a análise de um *ethos* discursivo que, juntamente do pré-discursivo, resultará no *efetivo*. A preocupação do linguista fica clara ao tentar, cada vez mais, operacionalizar um conceito que ele, diversas vezes, chamou de subjetivo. Categorizando e recategorizando, operacionalizando e abandonando conceitos, os alicerces da noção passam a se solidificar no conjunto de sua obra.

Em *Cenas da Enunciação* (2008), coletânea brasileira de artigos publicados pelo autor, Maingueneau traz a reflexão sobre “problemas de *ethos*¹²” (2002), categoria esta com vocação interdisciplinar. Em suas considerações, ele sublinha que sua concepção de *ethos* é mais encarnada, pois recobre as determinações psíquicas e físicas associadas ao fiador pelas representações coletivas; o que faz com que o leitor não se identifique apenas com o fiador em si, mas também com um mundo *ético*. Tal processo de incorporação se articula em função dos gêneros e tipos do discurso e, por isso, Maingueneau afirma que não se pode contar com o *ethos* como um *meio* de persuasão, ele é parte prenha da cena de enunciação. Ainda, atrelando *ethos* e cenografia, sobre a qual ele já havia afirmado que é aquilo de onde vem o discurso e aquilo que o discurso engendra, assevera que “são os conteúdos desenvolvidos pelo discurso que permitem especificar e validar o *ethos*, bem como sua cenografia, por meio dos quais esses conteúdos surgem” (MAINGUENEAU, 2008c, p. 71), o que faz com que a cena da qual vem a palavra deva ser exatamente a cena que é requerida. Por fim, após apresentar o esquema de interação de *ethos* para a construção do *ethos* efetivo, o autor ressalta que é imprescindível, quando se pretende estudar *ethos*, que se explicita por qual disciplina é mobilizado e no interior de qual rede conceitual, pois em se tratando de uma categoria instável, é preciso confrontá-la. Para ele, portanto,

Desde que haja enunciação, alguma coisa da ordem do *ethos* se encontra liberada: por meio da sua fala, um locutor ativa no intérprete a construção de determinada representação de si mesmo, pondo em risco seu domínio sobre sua própria fala; é-lhe necessário, então, tentar controlar, mais ou menos confusamente, o tratamento interpretativo dos signos que ele produz. A partir desse dado incontornável, muitas explorações do *ethos* são possíveis, em função do tipo e do gênero de discurso em questão (MAINGUENEAU, 2008c, p. 73).

Em *La philosophie comme institution discursive* (2015), empreendimento de grande fôlego teórico e metodológico, temos novas recategorizações por parte do autor. Aquém e além das posições estratégicas do sujeito, o discurso pressupõe uma *cena de enunciação*, um quadro que lhe dê sentido para ser enunciado e deve validá-la. É por meio do *ethos* que o destinatário se inscreve nessa cena que o discurso do fiador implica, uma vez que a cena requer certa teatralidade por parte

¹² Artigo publicado originalmente na revista *Pratiques* n° 113, junho de 2002, p. 55-68.

dos sujeitos, que devem assumir seu papel em um gênero do discurso específico. Sobre a cena de enunciação, Maingueneau assevera que

O termo “cena” em francês tem a vantagem de poder se referir a um quadro e um processo: é tanto o espaço bem delimitado no qual são representadas as peças (“onde a cena se encontra...”) quanto as sequências de ações, verbais e não verbais, que constituem esse espaço (“durante toda a cena...”) (MAINGUENEAU, 2015a, p. 65, tradução nossa).

Maingueneau segue com a divisão da cena de enunciação em três: cena englobante, cena genérica e cenografia. A *cena englobante* corresponde ao tipo de discurso, “uma rede de práticas discursivas que cortam um setor da atividade social” (MAINGUENEAU, 2015a, p. 66, tradução nossa): publicitário, religioso, político, filosófico. Em outras palavras, à cena englobante são associados papéis e uma temática e, logo,

Os produtores de discurso que se inserem em uma cena englobante determinada devem, por meio de sua enunciação, se mostrar conformados com os valores prototipicamente relacionados ao locutor pertinente para o tipo de atividade verbal: assim, um político deve ser “um homem de convicção”, “dedicado” a seu país (...) (MAINGUENEAU, 2015a, p. 67, tradução nossa).

Sendo a cena englobante o quadro a partir do qual os enunciados podem ser produzidos e interpretados, a *cena genérica* é associada ao gênero, realidade tangível, imediata, para os usuários do discurso. Com isso, enquanto se pode afirmar que a cena englobante transcende seu contexto particular de recepção, a cena genérica sempre está sócio-historicamente determinada. No entanto, o autor ressalta (2015a, p. 68) que a noção de gênero não é homogênea, já que gêneros da filosofia e da política recuperam duas condições bem diferentes: ora se trata de enquadramentos impostos pelo autor, ora de rotinas comunicacionais, de dispositivos sociohistoricamente definidos, “e que são geralmente pensados à ideia de metáforas de ‘contrato’, de ‘ritual’ ou de ‘jogo’” (2015a, p. 68). Em linhas gerais, as obras “primeiras” – aquelas que objetivam elaborar uma doutrina – pertencem a uma genericidade instituída pelo autor, não a um gênero rotineiro. Quando se trata de gênero rotineiro – conceito que já aparecia em *Cenas da enunciação* de forma embrionária –, Maingueneau (2015a, p. 69) afirma que há certos parâmetros:

- *Uma ou mais finalidades*: supõe-se que os locutores são capazes de atribuir uma ou mais finalidades de uma atividade da qual participam, para que com isso possam atribuir estratégias de interpretação e produção de enunciados, o que é, frequentemente, feito pelos locutores de forma espontânea. Ainda, o autor ressalta que os gêneros têm certa autonomia em relação às representações daqueles que as mobilizam.

- *Papeis para os parceiros*: atribuem-se papéis a serem desempenhados nos gêneros de discurso, o que implica direitos e deveres, bem como competências específicas para desempenhá-los.

- *Um lugar apropriado para o seu sucesso*: há gêneros cujos lugares são impostos (as igrejas para os casamentos ou os tribunais para os processos) e há

gêneros que não precisam de nada do tipo. De qualquer forma, a escolha de um lugar nunca é ao acaso.

- Um modo de inscrição na *temporalidade*: “que perpassa diversos eixos: a periodicidade ou a singularidade das enunciações, sua duração previsível, sua continuidade, seu prazo de validade” (MAINGUENEAU, 2015a, p. 69, tradução nossa).

- Um *suporte*: o texto é indissociável de sua existência material, o que faz com que ele próprio condicione seu transporte e, eventualmente, seu arquivamento.

- Uma *composição*: para dominar um gênero específico, é preciso dominar minimamente os elementos que o compõem.

- Um *uso específico de recursos linguísticos*: todo locutor tem à sua disposição um repertório mais ou menos variado de variedades linguísticas e cada gênero de discurso impõe, tacitamente ou não, restrições na matéria.

Ainda assim, “enunciar não é somente ativar as normas de uma instituição de fala prévia, como ocorre em uma cena englobante e em uma cena genérica, é construir sobre essa base uma encenação singular da enunciação: uma *cenografia*” (MAINGUENEAU, 2015a, p. 70, tradução nossa). À teatralidade da “cena”, junta-se ainda a dimensão da -grafia, resultando em “cenografia”; muito embora seja preciso ressaltar que -grafia não remete a um suporte oral ou escrito, mas a um processo fundador, à inscrição legitimante de um texto. É possível observar, desse modo, que o autor atribui maior relevo à cenografia na cena de enunciação, debruçando-se em esmiuçar a noção de forma operacional. No entanto, tal conceito leva Maingueneau a reavaliar a de cena genérica, uma vez que se o que chamamos de “gêneros rotineiros” implicam cenas genéricas obrigatoriamente anteriores ao ato de enunciação, nós não podemos afirmar o mesmo sobre os enquadramentos impostos pelo autor. Nesse ponto, Maingueneau diferencia as cenografias endógena e exógena – diferenciação inédita em seus estudos¹³ –, sendo esta a importada pelo autor de outro universo, como é o caso de *Assim falou Zaratustra*, de Nietzsche; já a cenografia endógena seria aquela que “se instaura nos limites assinalados pela cena englobante e por uma cena genérica que se poderia dizer ‘incerta’” (MAINGUENEAU, 2015a, p. 71, tradução nossa). Com efeito, a cenografia é o elemento sociodiscursivo necessário para a construção do *ethos* e o *modo* de legitimar o discurso.

Ainda em relação à cenografia, Maingueneau afirma que se podem distinguir dois elementos indissociáveis: (i) a definição de uma certa relação entre os participantes da comunicação, que se apoiam em recursos linguageiros disponíveis, como o linguajar de especialistas (de uma profissão ou disciplina), registros (escrito ou oral), e cenas de fala identificáveis e validadas, entendendo por isso uma cena “instalada no universo de saber e valorizada pelo público” (2015a, p. 81); (ii) a atribuição de identidades ao enunciador e ao coenunciador, mas também a inscrição do momento (cronografia) e do lugar (topografia) na enunciação que

¹³ É possível admitir que tal diferenciação, embora de maneira ainda muito rudimentar, já apareceria em *Análise de textos de comunicação* quando Maingueneau faz a relação entre cenografia e gêneros do discurso. No entanto, tomando sua constante operacionalização de conceitos, tal como está em *La philosophie comme institution discursive*, consideramos seu ineditismo de postulação.

emerge. Essa cenografia, nomeada de *situacional*, interage com a *arquitetônica*, por meio da qual a enunciação estrutura a implantação de seus conteúdos. No entanto, a cenografia que o enunciador apresenta implica um *tom* e, com ele, “estereótipos (em termos de gestual, de lugares e de valores emblemáticos)” que não são dissociáveis” (2015a, p. 93), uma vez que o destinatário é mobilizado a aderir a certo universo de sentido. Isso faz com que o autor volte, mais uma vez, sua atenção para a problemática do *ethos*.

Como observamos, o autor amplia – e muito – a discussão sobre a cena enunciativa, especialmente em se tratando da cenografia. Retomando alguns postulados anteriores, Maingueneau afirma que o *ethos* está associado a uma vocalidade específica e a um corpo, ligados a uma origem enunciativa – um fiador – que atesta o que é dito. Assim, o *ethos* implica um controle do corpo apreendido por um comportamento global. Mas a adesão do enunciatário a certo mundo *ético* implicado na construção de uma imagem valorizada ou desvalorizada não dá conta, para o autor, do discurso filosófico, no qual há a tendência de se minimizar a incorporação do enunciador e, por isso, devem-se distinguir três dimensões de *ethos* que são mais ou menos projetadas de acordo com os textos considerados (MAINGUENEAU, 2015a, p. 98):

- A dimensão *categorica* recobre facetas diversas: pai de família, funcionário, médico, professor, americano;

- A dimensão *experencial* recobre as características sócio-psicológicas estereotipadas que implicam as noções de “incorporação” e de “mundo *ético*”: bom senso e morosidade, serenidade, dinamismo, ênfase. Propriedades as quais podem ser associadas à dimensão “categorial” (dinamismo do professor, entusiasmo dos alunos, etc.);

- A dimensão *ideológica* refere-se às posições: feminista, de esquerda, conservador (no campo político) e romântico, naturalista (no campo literário). Mas no caso do discurso filosófico são necessárias categorizações mais precisas: continental *vs* analítico, fenomenológico, marxista. É preciso lembrar que toda enunciação filosófica deve mostrar-se em conformidade com o posicionamento que demanda, seja ele *inaugural*, como no caso de um professor, ou *identificado*, no caso de um aluno.

Com toda a ampliação do olhar para a questão das dimensões do *ethos*, discussão inédita, vemos grandes avanços teóricos por parte do autor ao estudar o discurso filosófico, recategorizando conceitos e ampliando teorizações, as quais nos parecem valiosas em termos de cena da enunciação e *ethos*. Fazemos, com isso, uma descrição desses monumentos que compõem o arquivo sobre *ethos* a partir do olhar arqueológico. São acontecimentos singulares que ressignificam a história dessa noção no campo de estudos do discurso e ratificam as suas condições de enunciabilidade em diferentes momentos.

É evidente, no entanto, que tais leituras e releituras realizadas na obra de 2015a ainda carecem de maiores bases para que possam emergir como efetivamente operáveis. Nesse contexto, seu texto de 2016 parece tentar ampliar a questão para além do discurso filosófico.

Por fim, em *Retorno crítico sobre o ethos* (2016), Maingueneau tenta propor uma noção mais precisa de *ethos*, pois a concepção que tem sido traçada, até por ele mesmo, de *ethos* não permite analisar com a mesma eficácia todos os tipos de texto. É por isso então que, agora, deslocando a categorização que antes havia aplicado apenas ao discurso filosófico, propõe pensar o *ethos* nas três dimensões anteriormente citadas e que interagem entre si: categórica, experiencial e ideológica. Na dimensão categórica acrescenta que esta pode abranger papéis *discursivos*, relacionados à atividade de fala, como animador, contador de histórias; e estatutos *extradiscursivos* de natureza variada, como pai de família, médico, camponês, etc. O problema, portanto, é que muitos dos analistas, em função do gênero e tipo de discurso, apegam-se a certos elementos que julgam pertinentes, como, por exemplo, ao estudar o gênero político eleitoral, o analista privilegia predicados pertencentes a um posicionamento ideológico (de direita, de esquerda) e predicados psicológicos oportunos (competência, autoridade) (MAINGUENEAU, 2016, p. 15).

É preciso ainda sublinhar que os trabalhos que mobilizam a noção de *ethos* pouco se importam com os *ethé* que “resultam da multimodalidade, em particular quando há combinação de textos e imagens” (MAINGUENEAU, 2016, p. 27). Assim, considerando as novas textualidades e regimes genéricos da Web, “em uma reflexão sobre o *ethos* não pode mais ser ignorada a existência de iconotextos que associam intimamente texto e imagem, com todos os problemas que levanta a hierarquização dos *ethé*” (MAINGUENEAU, 2016, p. 32). Desse modo, nesse último texto em que trata do *ethos*, o autor reflete a tendência mundial dos analistas do discurso em relação às novas textualidades impostas pelo advento da Internet. Tal redimensionamento de olhar leva a uma questão fundamental que deverá ser explorada em obras vindouras: a questão do verbal e não verbal na produção das imagens de si:

Me parece que a reflexão ainda não tenha ido tão longe nesse sentido. O *ethos* permanece uma categoria insuficientemente especificada para ser a medida da diversidade das situações de comunicação. Ao se distinguirem três dimensões e colocá-las à prova dos tipos de dados que diferem daqueles que temos habitualmente, espero ter contribuído para o enriquecimento de uma problemática da qual a Análise do Discurso está longe de ter explorado todo o potencial (MAINGUENEAU, 2016, p. 33).

Logo, fica claro, com todo o empreendimento teórico metodológico de D. Maingueneau acerca do *ethos* em trinta anos de estudo, que há a tentativa de tornar o conceito mais operacional, deslocando seu uso clássico na retórica para uma categoria menos subjetiva de análise, embora acredite que há muito caminho ainda a ser percorrido nesse sentido.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Há dez anos, a publicação do livro *Ethos discursivo* (São Paulo: Contexto, 2008), trouxe um conjunto de reflexões importantes para a produtividade desse

conceito nas lides da história brasileira da Análise do discurso. Foi responsável, também, por instaurar a problemática da imagem de si construída pela enunciação promovida por meio dos diferentes trabalhos e reflexões de autores e pesquisadores nacionais. De lá para cá, é preciso observar as transformações, as releituras e as rupturas promovidas em torno da noção de *ethos* a partir das novas materialidades e das novas situações de enunciação, em especial destacadas pelo próprio Maingueneau ao longo de suas novas reflexões publicadas recentemente. Ademais, temos a presença de inúmeras pesquisas, trabalhos de teses, dissertações e artigos que retomam tal conceituação e os fazem ranger por meio dos diferentes objetos teóricos brasileiros, por exemplo. Assim, por meio deste artigo, promovemos um trajeto histórico e epistemológico sobre tal noção a partir das diferentes obras do linguista francês, (re)traçando na história os desdobramentos, as rupturas e as mudanças responsáveis pela edificação do *ethos* nas pesquisas discursivas e na constituição dessa noção no campo da AD.

Nosso objetivo, com este trabalho, não foi apenas retomar a noção de *ethos* em diferentes obras de Dominique Maingueneau, mas tratou-se de retomá-la a partir dos desdobramentos que foram possíveis a partir de novas considerações teóricas promovidas por ele nos últimos anos advindas de novas materialidades e da “tecnologia dos discursos”. Ademais, como forma de analisar essa prática de discursos sobre o *ethos*, metodologicamente pensamos esse regime de enunciabilidade por meio da construção arqueológica do arquivado em Foucault (2008).

Nesse percurso epistemológico, caminhando em meio a trinta anos de estudos de Maingueneau acerca da noção de *ethos*, observamos desde a sua preocupação inicial em postular o conceito nos domínios da Análise do discurso, até a constante tentativa de operacionalização, além de sua preocupação com o caráter subjetivo de análise que poderia ser atribuído à noção. Tendo em vista as preocupações epistemológicas de Dominique Maingueneau, o conceito de *ethos* caminhou, junto do autor, pelos mais diversos campos discursivos, sempre em busca da compreensão de uma prática discursiva.

Desse modo, nos escritos dos anos 1980 vemos o autor preocupado em se afastar da noção de *ethos* retórico ao mesmo tempo em que tenta defini-lo como uma categoria de análise subtraindo-lhe o caráter psicologizante. Conforme avançaram seus estudos em torno da cena de enunciação, o *ethos* passa a fazer parte essencial desta, sendo legitimado e legitimando as cenografias engendradas. Ao mesmo tempo, o teórico francês sempre lutou por um olhar encarnado na noção, que implicaria levar em conta um somatório de índices diversos de análise e não os puramente textuais, o que trouxe à cena, então, o corpo e o tom.

Muito além da tentativa de compreensão das imagens de si, voltar-se para questão do *ethos* é tentar compreender o processo de adesão a um discurso por meio da identificação com um mundo *ético* ao qual o interlocutor adere, geralmente por partilhar de crenças sobre o que é o bom político, o bom homem, a bom pastor, etc. Em função disso, coube ao autor pensar a questão voltado para os mais diversos discursos – religioso, político, midiático – e nos mais diferentes dispositivos.

Em um de seus últimos escritos recentes, tendo como foco o discurso filosófico, Maingueneau reformula questões importantes, revendo e recategorizando os componentes da cena enunciativa. No entanto, muito além disso, e tendo em vista os muitos trabalhos produzidos por diversos autores sobre a questão do *ethos*, o teórico francês define que é necessário, ainda mais, tornar a noção mais objetiva, uma vez que o *ethos* passou a ser um rótulo genérico para muitos caracteres diferentes. Propõe, então, que a análise que implica o *ethos* deva ter critérios muito bem delimitados de como será definido e organizado.

Em seu texto de 2016, Maingueneau reformula a noção mais uma vez para dar conta daquilo que estava à margem: a questão do não verbal na constituição do *ethos*. Embora sempre já ali, o autor ainda não havia postulado de maneira contundente a questão da multimodalidade do *ethos*. Com o advento da Internet e sua consequente ressignificação de práticas, além dos regimes genéricos específicos da Web sobre os quais esteve debruçado, o autor pode defender, recentemente, portanto, um retorno crítico ao *ethos* para ligá-lo a uma multimodalidade cada vez mais – eis nossa hipótese – inerentemente constitutiva dos discursos.

REFERÊNCIAS

- AMOSSY, R. (Org.). *Imagens de si no discurso: a construção do ethos*. Trad. Dilson Ferreira da Cruz, Fabiana Komesu e Sírio Possenti. São Paulo: Contexto, 2011.
- CARREON, R. O. *Comunicação política e(m) imagens de si: percursos a caminho do ethos semiotizado*. 2018. 221f. Tese (Doutorado em Estudos Linguísticos) – Programa de Pós-graduação em Linguística, Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2018.
- FOUCAULT, Michel. *A Arqueologia do Saber*. Trad. Luis Felipe Beata Neves. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008.
- MAINGUENEAU, D. El ethos y la voz de lo escrito. In: MAINGUENEAU, D. México: Universidad Autónoma Metropolitana-Xochimilco, 1996, p. 79-92.
- MAINGUENEAU, D. *Novas tendências em análise do discurso*. Trad. Freda Indurky Campinas: Pontes, Editora da Universidade Estadual de Campinas, 1997.
- MAINGUENEAU, D. *Análise de textos de comunicação*. Trad. Maria Cecília Pérez de Souza-e-Silva e Décio Rocha. São Paulo: Cortez, 2004.
- MAINGUENEAU, D. *Discurso literário*. Trad. Adail Sobral. São Paulo: Contexto, 2006.
- MAINGUENEAU, D. A propósito do ethos. Trad. Luciana Salgado. In: MOTTA, A. R.; SALGADO, L. (Orgs.). *Ethos discursivo*. São Paulo: Contexto, 2008a.
- MAINGUENEAU, D. *Gênese dos discursos*. Trad. de Sírio Possenti. São Paulo: Parábola Editorial, 2008b.
- MAINGUENEAU, D. *Cenas da Enunciação*. Trad. Sírio Possenti e Maria Cecília Pérez de Souza-e-Silva et al. São Paulo: Parábola, 2008c.

- MAINGUENEAU, D. *Doze conceitos em análise do discurso*. Trad. Sírio Possenti e Maria Cecília Pérez de Souza-e-Silva et al. São Paulo: Parábola Editorial, 2010.
- MAINGUENEAU, D. *Ethos, cenografia, incorporação*. Trad. Trad. Dilson Ferreira da Cruz, Fabiana Komesu e Sírio Possenti In: AMOSSY, R. (Org.). *Imagens de si no discurso: a construção do ethos*. São Paulo: Contexto, 2011, p. 69-91.
- MAINGUENEAU, D. *La philosophie comme institution discursive*. Limoges: Lambert-Lucas, 2015a.
- MAINGUENEAU, D. *Discurso e análise do discurso*. Trad. Sírio Possenti. São Paulo: Parábola, 2015b.
- MAINGUENEAU, D. Retorno crítico sobre o ethos. Trad. Paula Camila Mesti. In: BARONAS, R. L.; CARREON, R. O. ; MESTI, P. C. (Orgs). *Análise o Discurso: entorno da problemática do ethos, do político e de discursos constituintes*. Campinas: Pontes, 2016, p. 13-33
- POSSENTI, S. Apresentação. In: MAINGUENEAU, D. *Discurso e análise do discurso*. São Paulo: Parábola Editorial, 2015b, p. 7-8.
- POSSENTI, S.; BARONAS, R. L. Apresentação. In: POSSENTI, S.; BARONAS, R. L. (Orgs.) *Contribuições de Dominique Maingueneau para a Análise do Discurso no Brasil*. São Carlos (SP): Pedro & João, 2008, p. 7-12.
- POSSENTI, S.; MUSSALIM, F. Contribuições de Dominique Maingueneau à Análise do Discurso. In: PAULA L; STAFUZZA, G. (Orgs.). *Da análise do discurso no Brasil à Análise do discurso do Brasil: três épocas histórico-analíticas*. Uberlândia: EDUFU, 2010, p. 5-7.
- POSSENTI, S.; SOUZA-E-SILVA, M. C. P. Apresentação. In: DOMINIQUE, M. *Doze conceitos em análise do discurso*. Trad. Sírio Possenti e Maria Cecília Pérez de Souza-e-Silva et al. São Paulo: Parábola, 2010, p. 7-8.
- RUIZ, M. A. A. *Por uma ciência da linguagem no/do Brasil: percursos e irrupções teóricas*. 2019. 216f. Tese (Doutorado em Estudos Linguísticos) – Programa de Pós-graduação em Linguística, Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2019.
- SALGADO, L. Cenas da Enunciação (Resenha). *DELTA*, São Paulo, v. 24, n. 1, 2008, p. 125-129.
- SOUZA-E-SILVA, M. C. P.; ROCHA, D. Por que ler *Gênese dos discursos?* *REVEL*, vol. 7, n. 13, 2009, p. 1-25.

Recebido: 22/03/2019

Aceito: 12/07/2019

Publicado: 20/08/2019